



Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Seminário



11 Junho de 2011 (Sábado); Início 14:00

Coimbra - Auditório da Associação Fernão Mendes Pinto - Edifício da PT – Av. Fernão Magalhães

Patrocínios

Sessão de Abertura:

- **Presidente da Câmara Municipal de Coimbra**
- **Reitor da Universidade de Coimbra**
- **Governador Civil de Coimbra**
- **Comandante da Brigada de Intervenção**
- **Director do Serviço de Saúde Militar de Coimbra**
- **Presidente da Liga dos Combatentes**
- **Presidente da Direcção Nacional da ADFA**
- **Presidente da Direcção da Delegação de Coimbra da ADFA**

(Conforme a lista da Lei 40/2006 das Precedências do Protocolo do Estado Português de 25 de Agosto)

Intervalo

Seminário:

- **Associação dos Deficientes das Forças Armadas – A Segunda Guerra dos Deficientes Militares**
ADFA – Associação dos Deficientes das Forças Armadas
Cor. Lopes Dias
- **A Guerra Colonial e o 25 de Abril de 1974**
A25A – Associação 25 de Abril
MGen Augusto Valente
- **Perturbação Pós-Stress Traumático – Uma Visão Clínica**
CINEICC – Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental
– Universidade de Coimbra
Dra. Teresa Carvalho
- **Memórias subjugadas no Portugal Contemporâneo: A Guerra Colonial e os Deficientes das Forças Armadas**
CES – Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra
Dr. Sena Martins
- **Filhos da Guerra Colonial: Pós-memória e Representações**
CES – Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra
Projectos coordenados por
Dra. Margarida Calafate
- **Uma Ontologia do Eu Estilhaçado – Poesia da Guerra Colonial**
CES – Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra
Projectos coordenados por
Dra. Margarida Calafate e Roberto Vecchi

Participações especiais

- **Bonifrates** - Cooperativa de Produções Teatrais e Realizações Culturais
Actores: Rui Damasceno e Paula Santos
– Leitura de poemas da Antologia “Uma Ontologia do Eu Estilhaçado”
- **Tommaso Rada** - Fotógrafo
– Exposição na sala do auditório

Organização da Delegação de Coimbra da ADFA.

Ecos da Guerra Colonial

A Guerra Colonial, após 50 anos do seu início e após 37 anos do seu final, que influência exerce ainda sobre nós, os que a viveram e os que não a tendo vivido dela receberam uma herança inelutável? E que foi que aprendemos com ela, se é que aprendemos alguma coisa?

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas foi a intérprete dessas reminiscências, dessas marcas dolorosas e das palavras, tanto quanto dos silêncios; dando voz ao clamor pela justiça, à exigência do respeito e da reparação para com aqueles que, quando lhes foi exigido, arriscaram a sua integridade física e a própria vida com generosidade.

Ao longo destas décadas a ADFA tentou transmitir à sociedade e ao poder político o que com a nossa experiência se pode aprender sobre a Guerra Colonial e as suas consequências.

Alguns dos mais atentos e competentes de entre nós, ouviram-nos. Como Bruno Sena Martins que procura as marcas desse conflito nas nossas vidas, Teresa Carvalho que perscruta as suas reminiscências na nossa memória e Margarida Calafate que lê os seus sons e os seus silêncios nas nossas palavras.

A Guerra Colonial começou há 50 anos e terminou oficialmente há 37, na revolução de Abril, mas ainda não acabou para alguns de nós. Ainda ouvimos os tiros, ainda sentimos a ansiedade e a alta tensão dos momentos de perigo e de dor – a que sofremos e a que fizemos sofrer.

Enquanto continua a lutar por todos os que ainda são vítimas da indiferença e da injustiça, a ADFA, associando-se a alguns dos mais lúcidos investigadores da Universidade de Coimbra, quer dar a conhecer o que a partir do nosso património humano – feito das marcas físicas e psíquicas, e das memórias de um tempo que não queremos ver repetido mas que faz parte de nós – já pode ser dado a conhecer através do seu trabalho. O quanto da guerra ainda trazemos connosco e o quanto transmitimos aos nossos filhos.

O quanto ainda se pode aprender ouvindo connosco os ecos da Guerra Colonial.

A Guerra Colonial e a Revolução de 25 de Abril de 1974

Apresentado pelo MGen Augusto Valente, presidente da Delegação Centro da A25A – Associação 25 de Abril

Contestado internamente e isolado externamente, o colonialismo transformou-se na base material de reprodução ideológica do Estado Novo, bloqueando qualquer outra solução política para o problema colonial que não fosse a manutenção a todo o custo das colónias.

Perante a emergência da guerra colonial, o regime estava numa posição de total impasse: impossibilitado de a perder, estava igualmente impossibilitado de a ganhar, e dependente exclusivamente das Forças Armadas.

Mas o progressivo alargamento e intensificação da guerra conduziu à crescente necessidade de recursos humanos e, conseqüentemente, à milicianização das Forças Armadas e do próprio quadro permanente, sobretudo do Exército, à perda do controlo ideológico do regime sobre a instituição militar e ao agravamento das contradições e tensões internas.

O contacto com a realidade colonial, por outro lado, acelerou a tomada de consciência política dos Portugueses, em primeiro lugar dos militares, tornando evidentes as mentiras da propaganda colonialista do regime e fortalecendo a convicção sobre a legitimidade da resistência armada dos povos africanos e do seu direito à autodeterminação e independência.

Neste processo, as forças armadas politizaram-se, o «patriotismo» dos primeiros anos deu lugar à dúvida, depois à contestação e, finalmente, à deslegitimação da guerra, enquanto nos teatros de operações a situação táctica evoluía irreversivelmente para o colapso militar.

Entretanto, os «capitães de Abril» começaram a organizar-se, criaram o «Movimento das Forças Armadas» e privaram o regime do apoio militar nos baixos escalões de comando, que lhe era fundamental. E em 25 de Abril puseram termo a 48 anos de ditadura, a mais longa da Europa no século XX, e a 13 anos de guerra, fazendo renascer a Liberdade e a Democracia em Portugal e abrindo simultaneamente o caminho à construção da Comunidade Lusófona, reunindo os Povos colonizados num projecto comum de Paz, Amizade e Progresso que é exemplo para o Mundo.

Perturbação Pós-Stress Traumático (PTSD) de guerra

Uma visão clínica

Teresa Carvalho, CINEICC – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra;
Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

(teresacarvalho.psi@gmail.com)

As situações de guerra/combate tem merecido, por parte da comunidade científica internacional, um significativo realce no âmbito das investigações sobre o impacto psicológico da exposição prolongada a eventos traumáticos, em particular sobre a sua contribuição para o desenvolvimento da Perturbação Pós-stress Traumático (PTSD) crónica.

Em Portugal, o envolvimento em operações militares, por tempo invulgarmente dilatado, de um vasto número de combatentes na paulatina guerrilha em terras Ultramarinas e as características dos inerentes teatros de operações, continuam a espelhar na actualidade o seu impacto psicológico na saúde mental (e física) dos ex-combatentes (e respectivas famílias).

A presente comunicação propõe-se abordar a citada realidade clínica, por se tratar de um problema de saúde pública, que reclama maior sensibilização e estratégias de saúde mais eficazes. Concretamente, serão evidenciadas as características da PTSD de guerra, a sua comorbilidade com outras perturbações psicopatológicas e os principais factores de risco e de protecção a esta associados. Paralelamente, será cedida informação sobre a investigação científica realizada em Portugal nestes domínios e sobre o seu contributo para a eficácia das intervenções psicoterapêuticas direccionadas á população de combatentes da guerra colonial Portuguesa.

Memórias subjugadas no Portugal Contemporâneo: A Guerra Colonial e os Deficientes das Forças Armadas

Bruno Sena Martins, Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra

A guerra colonial nunca encontrou um efectivo espaço de rememoração naquilo que foi a reconstrução democrática e pós-imperial da sociedade portuguesa – é, portanto, um silêncio constitutivo desse processo. Sob vários pontos de vista, os combatentes que adquiriram deficiência na guerra constituíram a expressão viva de um trauma colectivo que a ordem social democrática quis esquecer. Numa perspectiva teórica que procura debater os encontros e desencontros da memória pessoal e da memória colectiva, defendemos que o silenciamento e a marginalização a que os Deficientes das Forças Armadas foram sujeitos permite consagrá-los como testemunhas privilegiados para, por intermédio das suas histórias, se resgatarem preciosas dimensões históricas para a compreensão do Portugal contemporâneo. Desde logo, para uma valorização da guerra colonial enquanto um momento histórico que deixou duradouras marcas na sociedade portuguesa.

Partindo da recolha de testemunhos de DFA e da análise histórico-política da associação que os representa – a Associação dos Deficientes da Forças Armadas -, cumpre perceber de que modo as vidas descontinuadas pela Guerra Colonial e marcadas pela deficiência carregam (pelo dramático encontro desses factores de disrupção) significativos elementos de marginalidade e distanciamento em relação à sociedade portuguesa. O primeiro diz respeito à exclusão das pessoas com deficiência de um modo geral: ausência de estruturas de reabilitação, estigmatização cultural, barreiras arquitectónicas, etc. O segundo vector refere-se à negligência social sofrida pelos ex-combatentes no retorno a Portugal (negligência das suas histórias de das suas lutas pelas inclusão social). Nesse sentido, pretende-se conhecer de que modo a valorização das narrativas dos ex-combatentes forja uma perspectiva que produtivamente acrescenta ao modo como, a várias instâncias, Portugal tem sido pensado e representado.

Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações

Coord. Margarida Calafate Ribeiro, Centro de Estudos Sociais – UC; financiamento da FCT

O projecto *Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações* realizou uma análise da Guerra Colonial a partir de testemunhos de filhos da geração que fez a Guerra Colonial.

O projecto recolheu 230 testemunhos de filhos da geração da guerra. Paralelamente realizou-se um levantamento de narrativas públicas desde 1961, em áreas tão diversas como a literatura ou o cinema, o jornalismo ou as artes plásticas, o teatro ou os monumentos. Uma terceira recolha de dados foi realizada por uma equipa da área da psiquiatria, para estudar a hipótese de transmissão intergeracional de vulnerabilidade ao trauma.

Analisando portanto a pós-memória da Guerra, ou seja, a memória dos filhos que não experienciaram a guerra, nem têm a titularidade do testemunho, mas que cresceram mergulhados em narrativas da guerra vivida pela geração dos seus pais, o projecto propõe outras visões sobre o impacto social e cultural da Guerra Colonial e as suas repercussões na memória portuguesa colectiva e no actual debate sobre a identidade portuguesa.

Poesia da Guerra Colonial: uma ontologia do 'eu' estilhaçado

Coord. Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, Centro de Estudos Sociais – U C; financiamento da FCT

A experiência de Portugal na Guerra Colonial (1961-74) teve o seu registo estético na narrativa, dando origem a mais de uma centena de romances sobre o tema, e na poesia com uma vasta e ainda não delimitada produção. Esta poesia, de autores directa e indirectamente envolvidos na guerra, e elaborada, ou no momento da vivência do evento bélico, ou em seguida enquanto espaço de memória e de elaboração pós-traumática, carece de atenção, reflexão e divulgação.

Este projecto visou realizar uma primeira e exaustiva recolha crítica do material poético acessível, não só enquanto poesia de guerra no panorama literário ocidental e português em particular, mas também enquanto valioso testemunho subjectivo de um episódio que modificou a própria identidade histórica de Portugal. O projecto propôs-se reunir um banco de dados amplo do arquivo poético da memória da Guerra Colonial e combiná-lo com uma organização de uma antologia de poemas de guerra.

Contactos

ADFA

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Av. Fernão de Magalhães, 429 A - 6º F
3000-177 Coimbra

Tel.: 239814644 – no horário de expediente

E-mail: secretaria.coimbra@adfa.org.pt

Coordenador

Manuel Bastos

Telem.: 965267018 – a qualquer hora

E-mail: mancbastos@hotmail.com
